

PIONEIROS DA QUÍMICA

Geraldo Mendes de Oliveira Castro

Filho de Álvaro Mendes de Oliveira Castro e Maria Eugênia de Oliveira Castro, Geraldo Mendes de Oliveira Castro nasceu no Rio de Janeiro em 17 de maio de 1913. Era o filho caçula de uma família de seis irmãos. Em 1932, ingressou no curso de química industrial pela então Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, mas colocou grau na turma de 1935 do (novo) curso de química industrial da Escola Nacional de Química.

Desde o início de sua vida profissional, Geraldo sempre trabalhou com um material que o notabilizaria na química brasileira: a borracha. Foi superintendente e químico-chefe da fábrica de pneumáticos da Companhia Brasileira de Artefatos de Borracha (1936-1943). Em seguida, assumiu o cargo de subdiretor técnico da Sociedade Mecânica para Indústria e Lavoura e, por concurso, ingressou no Instituto Nacional de Tecnologia (INT) na função de tecnólogo químico, onde se dedicou à borracha (Ele chefiou o Laboratório de Borracha e Plásticos do INT). Publicou os trabalhos “Emprego do óxido de zinco nacional na indústria de artefatos de borracha”, “Emprego de matérias primas brasileiras na indústria de artefatos de borracha – carbonato de cálcio”, e “Emprego do alcatrão de Volta Redonda na indústria de artefatos de borracha”.

Na Associação Química do Brasil, entidade ao qual se filiou logo após sua fundação, foi o representante na Comissão de Estudos da Borracha, organizada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Após a fusão desta entidade com a Sociedade Brasileira de Química, resultando na Associação Brasileira de Química que hoje conhecemos. Geraldo Mendes ocupou por várias vezes o cargo de Conselheiro Geral em algumas de suas Diretorias.

Uma das grandes marcas que justificam sua inclusão no rol dos Pioneiros da Química foi a sua atuação para que o Sistema CFQ/CRQ (Conselho Federal de Química – Conselhos Regionais de Química) fosse uma realidade. Antes da promulgação da Lei nº 2.800/1956, o Decreto-Lei nº 24.693/1934 (regulamentado pelo Decreto 57/1935) reconhecia as atividades dos profissionais da área, mas não regulava efetivamente o exercício da profissão. Químico, naquela época se prendia ao exercício da atividade e não à formação do profissional que a exercia. O primeiro diploma legal a definir com um pouco mais de clareza as atividades privativas da classe foi a Consolidação da Leis do Trabalho (CLT), de maio de 1943. Contudo, o Decreto-Lei que implantou a CLT definiu que a fiscalização ficaria a cargo de funcionários do Ministério do Trabalho e não dos profissionais da química, tal como já acontecia com os engenheiros e agrimensores. Mas estes, por não terem formação técnica na área, acabavam registrando como “químico” qualquer pessoa encontrada trabalhando em atividade química. *“Na ausência de um conselho profissional para fiscalizar, em muitas fábricas e laboratórios (...) as atividades eram ilegalmente exercidas por pessoas pertencentes a outras profissões, como farmacêuticos, engenheiros de todas as especialidades, médicos etc. E mais grave ainda, por pessoas não diplomadas, simplesmente “práticos”, lavadores de vidraria de laboratório e até mesmo portadores de certificados de cursos por correspondência...”*, segundo Paulo Cesar Strauch (1946-2013), então diretor de comunicação da Associação dos Ex-Alunos da Escola de Química da UFRJ.

Aquela situação preocupava os profissionais diplomados, de modo particular os egressos da então

Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil – atualmente Escola de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a referência em matéria de instituição de ensino na época.

A partir de um projeto protocolado pela Sociedade Brasileira de Química junto ao Governo Federal para criação de um órgão fiscalizador do exercício da profissão de químico, em 1945, foi constituída uma comissão composta de representantes de várias entidades para debatê-lo a fim de criar um Projeto de Lei a ser apresentado ao então Presidente Getúlio Vargas. Dentre essas entidades, estava o Sindicato dos Químicos do Rio de Janeiro, cujo representante, Taygoara Fleury de Amorim, foi o porta-voz das demandas e das reivindicações da classe dos químicos industriais e outros profissionais formados em química. Esse Sindicato estava, naquela época, em plena campanha em defesa dos químicos e contra seu exercício por outros profissionais, charlatães e ainda “práticos”. Geraldo era um dos líderes daquela campanha.

“O que houve foi uma batalha pelo reconhecimento da profissão”, conforme disse Antônio Mendes de Oliveira Castro, filho de Geraldo. O Sindicato alterou profundamente a ideia original da Sociedade Brasileira de Química, ampliando seu escopo – de um órgão meramente fiscalizador para também atuar com um órgão de regulamentação do exercício profissional.

Instalado no Rio de Janeiro a partir de 1957, o CFQ funcionou durante alguns anos numa sala cedida pelo Instituto Nacional de Tecnologia. A carteira de químico número 1 do Brasil era justamente de Geraldo Mendes de Oliveira Castro. Ele presidiu o CFQ por dois mandatos consecutivos (1957-1960 e 1960-1963), e sempre fez questão de valorizar a importância do profissional da Química como agente do desenvolvimento científico, tecnológico e social. Editada no ano seguinte ao da criação da entidade, a primeira Resolução Normativa do CFQ dispunha sobre seu regimento interno. A segunda, também de 1957, criava os primeiros cinco Conselhos Regionais: CRQ-1 (Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e os então territórios de Rio Branco, Acre e

Amapá), CRQ-2 (Sergipe, Bahia, Minas Gerais e Goiás), CRQ-3 (Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal), CRQ-4 (São Paulo, Mato Grosso e o então território de Rondônia) e CRQ-5 (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Em vida, Geraldo Mendes foi agraciado com a Retorta de Ouro (1977), distinção concedida pelo Sindicato dos Químicos e Engenheiros Químicos do Rio de Janeiro, e com o prêmio “Isopreno de Ouro”, conferido pelo Sindicato de Indústrias de Artefatos de Borracha, em 1979.

Com 45 anos de intensas atividades, aposentou-se em 1981, quando era Diretor da Petroquisa. Geraldo Mendes de Oliveira Castro faleceu no Rio de Janeiro em 2004, aos 91 anos.

REFERÊNCIAS

† Sistema CFQ CRQs comemora jubileu de ouro. Informativo CRQ-IV, ano 15, n. 77, janeiro e fevereiro de 2006, pág.33.

† ESPÍNOLA, Aída. Celebrando os 75 anos (1931-2006). Palestra proferida no Sindicato dos Químicos e Engenheiros Químicos do Rio de Janeiro em 26 de setembro de 2006.

† Índice Biográfico de Sócios da Associação Brasileira de Química, 3ª edição. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Química, 1957, p. 124-125.

† Índice Biográfico de Sócios da Associação Química do Brasil, 2ª edição. Rio de Janeiro: Associação Química do Brasil, 1943, p. 97.

† Sistema CFQ/CRQs promove painel digital nesta sexta-feira (18) com vários especialistas. www.jornalbrasilnovo.com.br, edição de 18 de junho de 2021.



A carteira profissional de Geraldo Castro, a primeira do Brasil

PIONEIROS DA QUÍMICA

José Eduardo Alves Filho

Filho de José Eduardo Alves e Maria M. Porto Alves, José Eduardo nasceu no Rio de Janeiro em 12 de junho de 1896. Coursou o ensino secundário (médio) no Colégio de São Bento do Rio de Janeiro. Ingressou no curso de farmácia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1915, graduando-se em novembro de 1917. Tornou-se “químico licenciado” por meio do Decreto 57/1935, que regulamentava o Decreto 24.693/1934, a primeira regulamentação da profissão de químico no Brasil.

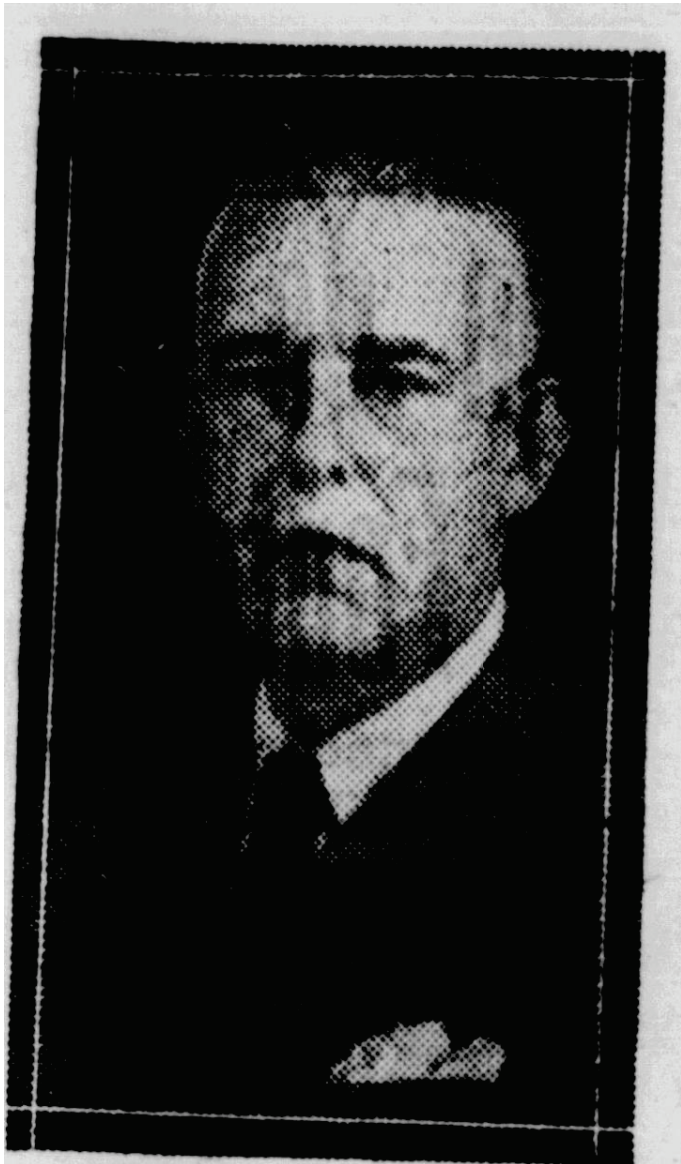
Suas primeiras experiências profissionais foram na Farmácia Alfredo de Carvalho (Rua Primeiro de Março, 10), como praticante (1916 e 1917) e depois como auxiliar (1918 a 1920). Após brilhante e disputado concurso onde ficou em primeiro lugar, ingressou no Laboratório Bromatológico do Departamento Nacional de Saúde Pública em fevereiro de 1921. Mediante concurso, foi promovido nesse Laboratório em novembro de 1925 e junho de 1930. Alçou a condição de chefe do referido laboratório, agora pertencente à então Prefeitura do Distrito Federal, até sua aposentadoria. Em paralelo, foi graduado como segundo-tenente farmacêutico da Reserva do Exército Brasileiro (1922).

Sua lista de serviços prestados à farmácia brasileira é imensa. Sua atuação o molda como um dos grandes vultos do Brasil nessa área. Foi membro da Comissão de Revisão da Farmacopeia Brasileira, membro da Comissão de Biofarmácia do Ministério da Educação e Saúde (1947-1948), membro da Comissão Elaboradora da Legislação Bromatológica para o Distrito Federal (Rio de Janeiro) e São Paulo e colaborador dos trabalhos para elaboração de técnicas analíticas de química bromatológica para os laboratórios bromatológicos do

Rio de Janeiro junto à Associação Brasileira de Normas Técnicas (1945-1947). Foi secretário da Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil (1947-1949), quando se organizava como unidade autônoma dessa universidade. Nessa unidade foi também Professor Titular, respeitado por todo o corpo docente e discente pelo seu caráter ilibado, probo e reservado, qualidades que muito o distinguiam.

Se aposentou, por decreto, em 21 de julho de 1953, após 35 anos de serviço público, reconhecidos como de ilibada moral, pontualidade absoluta, comprovada competência, assiduidade e honestidade moral e profissional a toda prova e desmedida dedicação. Em 7 de outubro de 1963, por ocasião da Semana da Farmácia, a Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil prestou-lhe uma homenagem em vida, dando seu nome às novas dependências da secretaria da unidade.

Participou de várias entidades associativas. Em 1919, filiou-se à Associação Brasileira de Farmacêuticos, onde foi secretário-geral por vários mandatos, e da comissão redatora de seus estatutos. Participou do 3º Congresso Brasileiro de Farmácia (Belo Horizonte, 1939) e do 2º Congresso Pan-Americano de Farmácia (Lima, Peru, 1951). Presidiu a Academia Nacional de Farmácia (1951-1953), da qual foi um de seus fundadores, conduzindo a memorável sessão solene de 13 de agosto de 1953, relativo aos 16 anos de fundação daquela agremiação. Foi sócio-fundador da Sociedade Brasileira de Química, ocupando os cargos de vice-presidente (13ª Diretoria, 1939), presidente (14ª Diretoria, 1940-1941), secretário-geral (1942 a 1945), além de tesoureiro de várias Diretorias.



José Eduardo Alves Filho

Fonte: A Gazeta da Farmácia, 1951

Foi ainda secretário-geral da comissão organizadora do 2º Congresso Brasileiro de Química (Rio de Janeiro, junho-julho de 1937) e secretário da seção de química bromatológica do Terceiro Congresso Sul-Americano de Química (Rio de Janeiro e São Paulo, julho de 1937). Atuou ainda nas comissões organizadoras brasileiras para o 4º e 5º Congressos Sul-Americanos de Química (Santiago e Lima, respectivamente, em 1948 e 1951). Uma característica que o notabilizou era o seu espírito associativo e conciliador, a par do grande amor que tinha por essas três entidades. Costumava falar em nome de seus colegas no Laboratório Bromatológico ou nas entidades de que foi sócio.

Publicou vários trabalhos científicos relevantes na área de química bromatológica, sua área de atuação por excelência: “Química bromatológica dos produtos animais e vegetais frescos e conservados”, “Química bromatológica das bebidas fortemente alcoólicas”, e “Química bromatológica das essências e corantes sintéticos e de origem biológica” (anteprojeto para os futuros métodos oficiais), todos em colaboração com outros pesquisadores. Os três primeiros trabalhos foram publicados na Revista da Sociedade Brasileira de Química e o último apresentado no 2º Congresso Brasileiro de Química. Foi um colaborador inestimável em matéria de projetos de leis e regulamentos ou na organização de serviços. Era técnico por natureza e não um pesquisador propriamente dito, almejando sempre a melhor técnica para uma dada análise ou procedimento.

Após a fusão da Sociedade Brasileira de Química com a Associação Química do Brasil resultando na Associação Brasileira de Química que hoje conhecemos, José Eduardo se manteve muito ativo como sócio da nova entidade, sendo um dos últimos sócios da antiga SBQ que ocupou cargos em Diretorias da Associação (Conselho Diretor e Secretário Geral).

REFERÊNCIAS

⇒ Justa recompensa. A Gazeta da Farmácia, ano XXII, n. 256, julho de 1953, p. 1.

⇒ *Relatório do Presidente da Academia Nacional de Farmácia, Sr. José Eduardo Alves Filho, lido na sessão solene do dia 13 de agosto de 1953.* A Gazeta da Farmácia, ano XXII, n. 259, outubro de 1953, p. 14.

⇒ *O Farmacêutico do Mês – José Eduardo Alves Filho.* A Gazeta da Farmácia, ano XX, n. 232, julho de 1951, p. 2.

⇒ *Índice Biográfico de Sócios da Associação Brasileira de Química*, 3ª edição. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Química, 1957, p. 7.

⇒ *Farmácia – centro acadêmico Rodolfo Teófilo.* Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 4 de outubro de 1963, p. 4.

PIONEIROS DA QUÍMICA

Annibal Ramos de Mattos

Filho de Artur Gomes de Mattos Sobrinho e Maria Ramos de Mattos, Annibal Ramos de Mattos nasceu em Recife em 25 de abril de 1904. Diplomou-se em química industrial pelo curso anexo à Escola de Engenharia do Recife em 1923, um dos cursos criados em 1920 para a formação desses profissionais no país. Annibal foi o único aluno da turma pioneira. Foi agraciado com um prêmio de viagem ao exterior, concedido pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Ainda em 1923, iniciou sua trajetória industrial. Fundou a “Mattos, Rodrigues e Cia.”, que fabricava diversos produtos, inclusive o “álcool motor” (etanol combustível), que marcaria a sua vida. Ele estava particularmente interessado no aproveitamento do etanol como combustível veicular. Realizou uma série de experimentos em meados dos anos 1920, desenvolvendo o “motogaz”, uma mistura de etanol, éter etílico e gasolina.

Em 1927, foi nomeado auxiliar técnico da Comissão da Divisão Administrativa de Pernambuco e colocado à disposição da Secretaria de Agricultura do Estado para auxiliar seu Conselho Técnico que cuidava das aplicações do “álcool motor”. No ano seguinte, foi convidado para ser o gerente da “Cooperativa do Álcool Motor”, entidade organizada pelos produtores pernambucanos. Em 1929, colaborou nas experiências com o etanol na então Estação Experimental de Combustíveis e Minérios (hoje, Instituto Nacional de Tecnologia). Seu envolvimento com o “álcool motor” permaneceu forte nos anos seguintes, até ser transferido para o recém-criado Instituto do Açúcar e do Álcool (IAA) pelo Decreto 22.981 de 25 de julho de 1933. No IAA, exerceu o cargo de assistente técnico, respondendo pela Inspeção do Recife, que abrangia os estados do norte do

país (a partir da Bahia). Esse cargo fê-lo conhecer os anseios e reivindicações dos químicos industriais formados no eixo sul-sudeste, particularmente o exercício da profissão e os direitos trabalhistas. Conheceu e se tornou amigo pessoal de nomes de peso como Carlos Eugênio Nabuco de Araújo Júnior (1904-1976), Jayme da Nóbrega Santa Rosa (1903-1998), Geraldo Mendes de Oliveira Castro (1913-2004), Taygoara Fleuri de Amorim (1913-?), dentre outros. Posteriormente, foi promovido a Diretor-Técnico Científico (Divisão Científica de Açúcar e Álcool), abrangendo todo o país, e ainda ocupou uma vaga no Conselho Geral do IAA.

Annibal colaborou na fundação e instalação do Sindicato dos Químicos de Pernambuco, o terceiro do gênero do país (1933), vindo a presidi-lo nos anos subsequentes.

Chefiou a comissão pernambucana para o Terceiro Congresso Sul-Americano de Química (Rio de Janeiro e São Paulo, julho de 1937), participando do evento com trabalhos sobre açúcar e álcool.

Atuou ainda no Magistério Superior. Foi professor catedrático da Escola de Engenharia de Pernambuco, onde lecionou química orgânica a maior parte do tempo, tendo ainda ministrado disciplinas de química geral e química inorgânica. Foi paraninfo das turmas de 1938 e 1941. Até este último ano, o curso havia formado 86 químicos industriais.

Em 1937, foi eleito membro associado da *Société de Chimie Industrielle* (Paris), e dois anos depois foi admitido como sócio da *American Oil Chemists Society* (Nova Iorque). Ainda em 1937, integrou a Comissão de Uniformização dos Métodos Internacionais de Análise de Açúcar do *Bureau of Standards* (Washington, EUA), através da Comissão 13 – colorimetria, nefelometria etc.

No Brasil, Annibal foi o mentor da Sociedade Pernambucana de Química, fundada em 30 de outubro de 1929. Foi seu primeiro presidente (biênio 1929-1930). Ele se inspirou no estatuto e nas realizações da Sociedade Brasileira de Química (a *alma mater* da ABQ) para fundar uma entidade de cunho regional com perfil semelhante (curioso é que Annibal havia sido anteriormente contatado pela SBQ para estabelecer o seu núcleo regional pernambucano).

As notícias sobre a Sociedade Pernambucana de Química publicadas na imprensa vão até 1938. Pouco tempo depois, colaborava na fundação da Seção Regional de Pernambuco da Associação Química do Brasil (junho de 1941), onde foi sócio bastante ativo. Com a união desta Associação com a Sociedade Brasileira de Química, resultando na Associação Brasileira de Química que hoje conhecemos, Annibal permaneceu como sócio ativo da nova entidade e membro atuante da Regional Pernambuco.

Possui uma extensa variedade de trabalhos publicados, entre impressos avulsos, relatórios e memórias, entrevistas concedidas à imprensa local e do Rio de Janeiro (capital federal), e livros (Açúcar e Álcool no Brasil, editado pela Companhia Editora Nacional (São Paulo), em 1942). A maior parte de sua produção era voltada à cana de açúcar (cultivo e seu aproveitamento econômico), mas também se encontram resenhas sobre o curso de química industrial, guerra química, higiene e segurança industrial e evolução da química.

Sua dedicação à química (ensino, profissão, pesquisa e indústria) foi devidamente reconhecida. Em 10 de agosto de 1974, o Conselho Federal de Química homenageou Annibal Ramos de Mattos pelos seus 50 anos de formatura como químico industrial, e ainda concedeu uma distinção pelos relevantes serviços prestados à química nacional (Resolução nº 1.342, de 26 de junho de 1974).

Na cerimônia, Annibal estava acompanhado de sua esposa, Antonieta, e de seus filhos Maurício e Túlio Brandão de Mattos.

Annibal Ramos de Mattos faleceu na capital pernambucana em março de 1986, aos 81 anos.



FOTO: Jornal Pequeno, 1938

Annibal Ramos de Mattos

REFERÊNCIAS

- ⇒ DUARTE, Paulo José. *A Associação Brasileira de Química em Pernambuco*. Revista de Química Industrial, ano 59, n. 685, setembro-outubro de 1991, p. 12.
- ⇒ *Associações - Sociedade Pernambucana de Chimica*. Diário da Manhã, Recife, ano III, n. 784, 8 de novembro de 1929, p. 9.
- ⇒ *Sociedade Pernambucana de Chimica*. Jornal Pequeno, Recife, ano XL, n. 196, 29 de agosto de 1938, p. 2.
- ⇒ *Índice Biográfico de Sócios da Associação Brasileira de Química*, 3ª edição. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Química, 1957, p. 108-109.
- ⇒ *Índice Biográfico de Sócios da Associação Química do Brasil*, 2ª edição. Rio de Janeiro: Associação Química do Brasil, 1943, p. 79-81.
- ⇒ *Químico recebe homenagens no jubileu de ouro*. Diário de Pernambuco, Recife, 4 de agosto de 1974, primeiro caderno, p. 3.